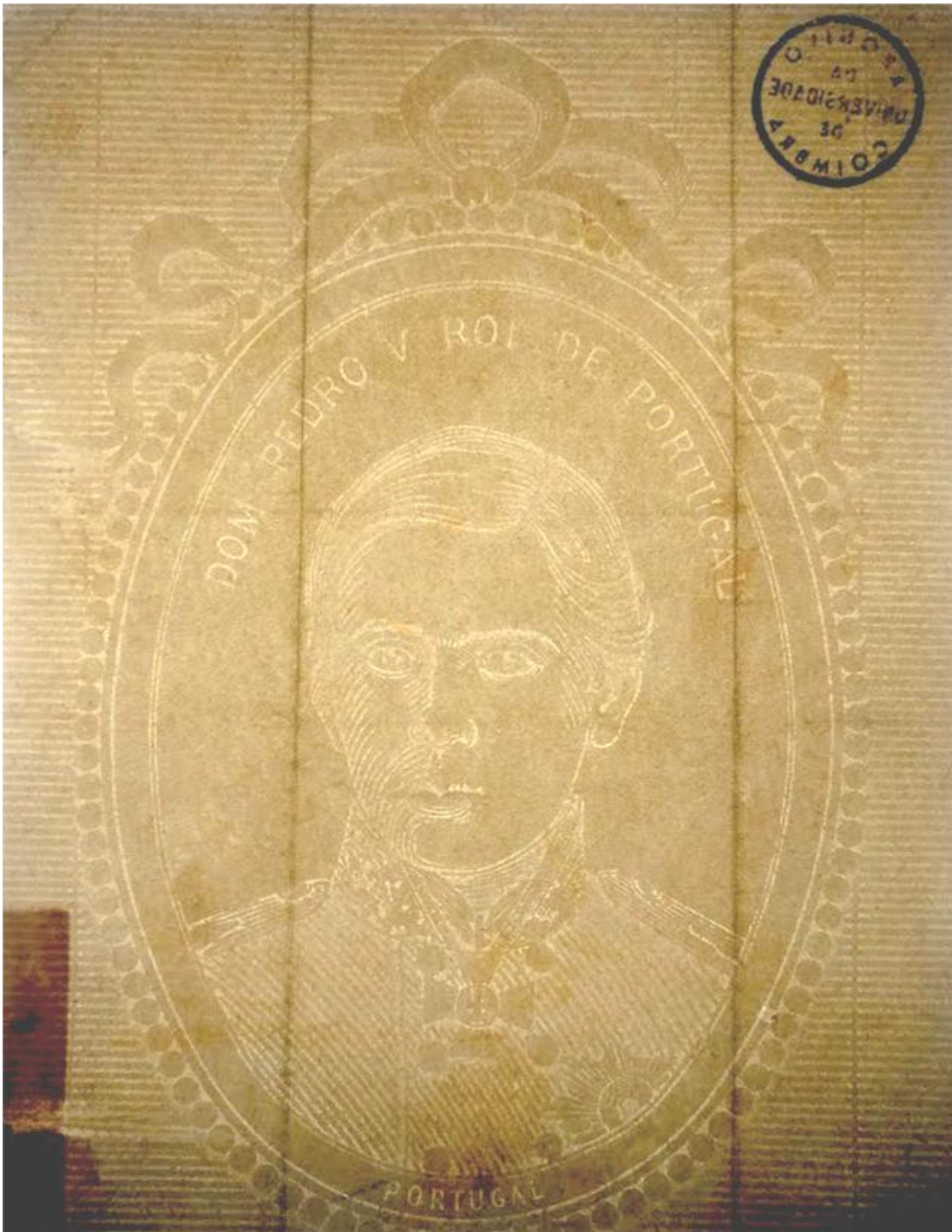


DOCUMENTO DO MÊS – MAIO



Séc. XIX – Marca de água com representação da efígie do Rei D. Pedro V

PT/AUC/APFM/JV – *Jardim de Vilhena (F); Iconografia dos Reis (SR); D. Pedro V, vol. I, fl. inum. – cota AUC-VI-3.ª-3-1-17*

A marca de água agora divulgada, com representação da efígie do Rei D. Pedro V, foi considerada como “*marca de água de papel de cartas*” e um exemplar “*muito raro*”, de acordo com

a nota manuscrita que o seu possuidor, o bibliófilo João Jardim de Vilhena, redigiu.<sup>1</sup>

Não sendo possível atribuir-lhe uma data, certamente poderemos situá-la na segunda metade do séc. XIX, no período do seu reinado que findou com a morte prematura do monarca, em 11 de Novembro de 1861, com apenas 24 anos. A apresentação de uma legenda em francês “*Roi de Portugal*” levará à suposição de se tratar de um papel de fabrico francês. Desconhece-se qualquer outra representação de um monarca português em marcas de água de papel.

Jardim de Vilhena enriqueceu de sobremaneira o acervo do AUC, com as sucessivas doações que foi fazendo, ao longo da sua vida, numa atitude benemérita que é de enaltecer, com destaque para o conjunto de correspondência de diversa proveniência que foi coligindo, bem como exemplares diversos de iconografia.<sup>2</sup>

A escolha deste documento, no período de pandemia que estamos a viver, não é despropositada, pois também D. Pedro V foi vítima de uma febre tifóide que terá contraído depois de uma visita a Vila Viçosa, num período em que “as febres paludosas” grassavam no país. Este jovem monarca já inspirou muitos autores, seja pelas circunstâncias da sua morte, (assim como a de sua mulher, a Rainha D. Estefânia, também ela vítima da mesma doença, quatro anos antes, contraída nas visitas aos doentes), seja por se esperar, com a sua obra, um reinado promissor para o país, seja pela sua própria beleza – “*lindo, fúnebre e solitário*”.<sup>3</sup> Por todas estas razões, recebeu o cognome de “*O Esperançoso*” e também “*O muito amado*”,

O médico Bernardino António Gomes redigiu, logo em 1862, uma obra de análise à doença de que foi vítima, assim como os seus irmãos D. Augusto e D. Fernando, uma vez que se tinham instalado dúvidas quanto às causas da morte do monarca. O seu irmão, infante D. João, viria a falecer no mês seguinte, em dezembro, com os mesmos sintomas.

Entre as obras públicas que marcaram o curto reinado de D. Pedro V, podem destacar-se, por exemplo, as construções hospitalares, como o “Hospital da Bemposta”, fundado em 1860 e que viria a ser depois o *Hospital Dona Estefânia*, dedicado exclusivamente às crianças.

A segunda metade do séc. XIX foi vivida não só em Portugal, como em outros países da Europa, com diversos surtos epidémicos, em que as questões de contágio, propagação da doença e suas formas de transmissão estavam em constante debate. Por essa razão, tiveram lugar decisões comuns a vários países, debatidas nas designadas *Conferências Sanitárias Internacionais*, numa situação com muitas semelhanças à que actualmente estamos a viver.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> O recorte de papel que apresenta esta marca de água encontra-se inserido num envelope, sobre o qual Jardim de Vilhena redigiu estas palavras. Desconhece-se, assim, qualquer outro elemento que pudesse auxiliar à datação desta marca de água. O acervo existente no AUC, reunido por este bibliófilo e por si doado à instituição, é diversificado, incluindo um pequeno conjunto de marcas de água, as quais denotam o interesse pela temática.

<sup>2</sup> Veja-se a descrição do acervo que foi doado por este bibliófilo no *Guia de Fundos do Arquivo da Universidade*, acessível em [https://www.uc.pt/auc/fundos/2015\\_GuiaFundos](https://www.uc.pt/auc/fundos/2015_GuiaFundos)

<sup>3</sup> Como o descreve MÓNICA, Maria Filomena – *D. Pedro V*. Lisboa: Temas & Debates, 2007; refira-se também, entre outros autores, LEITÃO; Ruben Andresen – *D. Pedro V. Um Homem e um Rei*. Lisboa: Texto Editores, 2011.

<sup>4</sup> Será de todo o interesse reler, por exemplo, GARNEL, Maria Rita Lino - «Portugal e as Conferências Sanitárias Internacionais (Em torno das epidemias oitocentistas de cholera-morbus)». *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 9 (2009) 229-251.